



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

## **IDENTIDADES INSCRITAS NOS CORPOS DAS JOVENS-MÃES PROTAGONISTAS DE UMA CULTURA DA PERIFERIA<sup>1</sup>**

**Denise Raquel Rohr<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Trabalho resultante da dissertação que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação nas Ciências, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Graduada em Educação Física pela Unijuí. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da Unijuí. Membro do Grupo de Pesquisa Paidotribus. Professora de Educação Física da Rede Municipal de Ensino do município de Ijuí-RS.

### **Resumo:**

Este trabalho constitui-se como um recorte da pesquisa de dissertação do Mestrado, em andamento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí, que tem como tema central, as experiências escolares de meninas-mães da periferia de Ijuí-RS, sendo que apresento aqui, um viés acerca da construção e constituição das identidades dessas adolescentes e jovens. O processo de construção de identidades é atravessado por diferenças de raça, classe social, escolarização, gênero, entre outros e, desta maneira, as identidades apresentam-se como móveis, fluídas, pois, ainda adolescentes, tentam se auto-afirmar como tal, inicialmente, a partir da sexualidade, do corpo e da interação com outros jovens e com os grupos sociais com os quais se identificam, visto que é por meio das interações com outras identidades e grupos, que os adolescentes e jovens renovam as suas, assumindo ou negando determinadas identidades, sobretudo a de jovem-mulher-mãe.

**Palavras-chave:** Identidades; jovens-mães; cultura.

### **Introdução**

A gravidez na adolescência ainda se constitui como um tema preocupante, pois, apesar da redução nos índices de fecundidade da mulher brasileira, as adolescentes ainda continuam a engravidar. E isso acontece, sobretudo, nas jovens de classes mais baixas e filhas de pais menos escolarizados. Em virtude disso, é que nas últimas décadas a gravidez na adolescência e juventude tonou-se um problema social, pois é incompatível com as demandas sociais, de que os jovens devem estudar e se profissionalizar, para depois estabelecerem relações afetivas mais sérias e terem condições de sustentar um filho. Assim, em muitos casos, a gravidez constitui-se como um “pedido de socorro”, para que essas jovens sejam olhadas, ouvidas, cuidadas, tanto pelos seus familiares quanto pelas redes de apoio, sociais e de saúde. Desse tema central, apresento aqui um viés acerca da construção e constituição das identidades dessas adolescentes e jovens, a partir do fenômeno da maternidade.

Pensando nisso, é possível pensar que a maternidade é um lugar para ser mulher, não apenas de ter um corpo de mulher, mas um sentido, o de ser mãe, como uma condição que lhe





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

confere uma identidade. Então, com o acontecimento da maternidade, as jovens assumem o papel do ser mãe, assumindo as responsabilidades que essa identidade lhes confere, encontrando e ocupando um outro espaço no mundo vivido.

### Metodologia

A pesquisa desenvolvida caracteriza-se como estudo de campo com viés etnográfico e composição narrativa de histórias de vida. Para Gil (2002), o estudo de campo realiza-se através de observações diretas no campo de estudo, além de entrevistas com as jovens estudadas.

Metodologicamente, tomamos as narrativas de histórias vida como instrumento de coleta de dados, a partir da entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas que possibilitassem uma conversa que oferecesse às meninas a oportunidade de narrar sua história, sendo que, neste momento, tive o cuidado de me deter apenas àquelas questões que faziam referência às identidades juvenis. De acordo com Cunha (1997), a partir das pesquisas com narrativas, partimos para a (des) construção das nossas próprias experiências e das experiências do sujeito estudado, sendo a narrativa um processo cultural, pois a história contada depende de quem a produz e para quem ela se destina. Assim, as meninas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida.

As jovens participantes da pesquisa são meninas que engravidaram e deixaram de frequentar as aulas, nos anos de 2009, 2010 e 2011 em três escolas, sendo duas da rede pública municipal e uma da rede pública estadual, no município de Ijuí-RS.

Para este estudo, faz-se necessário também, a delimitação do que é ser adolescente e jovem. Nesta perspectiva, Medeiros (2000) aponta que há dificuldades em delimitar o período da adolescência. Seu início é na puberdade, com influência de fatores hereditários, ambientais e de gênero, e, seu fim se confunde com o início da fase jovem-adulta, pois não existe nenhum fator físico, psicológico ou social que determine o fim da adolescência e o início da juventude, apontando a adolescência como “um conceito indefinido entre o ‘não é mais’ e o ‘ainda não é’” (MEDEIROS, 2000, p. 13), isto é, não é mais criança e ainda não é adulto.

Para Sposito (2002, p. 10), a delimitação cronológica de onde termina a adolescência e começa a juventude, deve envolver “uma análise das condições sociais em que se opera o desenvolvimento dos ciclos de vida em sociedades como a brasileira”. Assim, referindo-se aos estudos demográficos realizados no Brasil, Sposito (2002) considera como jovem, pessoas que encontram-se na faixa etária de 15 a 24 anos, admitindo-se flexibilidades na atribuição desses limites etários.

Sposito (2002) chama também para o debate deste conceito, os estudos realizados por Madeira, o qual referencia que no interior dessa categoria mais ampla chamada juventude, há um outro segmento que engloba a adolescência. Partindo-se desse pressuposto, as meninas-mães referenciadas nesta pesquisa, tanto poderão ser chamadas de jovens, adolescentes ou meninas, considerando a adolescência como um segmento do conjunto maior entendido como juventude (s).





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência  
**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

## Resultados e Discussão

Parece necessário pensar que não podemos falar de construção de identidades sem falar de cultura. Nesta perspectiva, cultura pode ser entendida, segundo Silva (2000, p. 41), “como sistemas partilhados de significação, através dos quais, os membros de uma sociedade organizam-se e classificam as coisas, a fim de manter alguma ordem social”. Ou melhor são os símbolos, os signos, as normas, as crenças, os valores que determinados grupos sociais estabelecem entre si para organizar a convivência.

Canclini (2007, p. 15) apresenta o conceito de cultura a partir de três vertentes: a primeira, a antropologia da diferença, a qual destaca que “cultura é pertencimento e contraste com os outros”; a segunda vertente, diz respeito às teorias sociológicas da desigualdade, para as quais “cultura é algo que se adquire fazendo parte das elites ou aderindo aos seus pensamentos e gostos; as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos”. E por último, os estudos comunicacionais apontam que “ter cultura é estar conectado”.

Assim sendo, é necessário um entendimento de que não há um processo que substitua uma teoria pela outra, mas sim, identificar pontos nos quais elas se coincidem. Dessa forma, parece possível englobar as três teorias citadas acima, pois cultura não deixa de ser um pertencimento a determinados grupos, produzindo uma identificação com este ou àquele grupo; cultura também é aquilo que se aprende e do qual nos apropriamos na convivência e nas relações que estabelecemos, e de certo modo, estar conectado é ter cultura, mas não apenas conectado à mídia, aos meios de comunicação, mas sim, conectar-se às pessoas do seu meio, às suas relações, identificar-se ou não com elas, significar essas experiências.

Desse modo, para as meninas-mães, a cultura da periferia é uma marca, uma forma de distinção e uma identificação com aquele ambiente, muitas vezes de extrema pobreza. É também, uma forma de estarem conectadas, inseridas nos serviços de saúde, de assistência médica, e em programas sociais, por exemplo. De acordo com Silva (2000, p. 41) “cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados”. Então, é por meio desta cultura de periferia, que as meninas-mães constroem suas identidades e significam suas experiências, principalmente, a experiência do gestar e do ser mãe, pobre, sem escolarização, sem emprego e, na maioria das vezes, sem um companheiro que lhes auxilie.

No corpo de cada indivíduo estão impressos os códigos culturais da sociedade na qual o mesmo está inserido. Para Daolio (1995a, p. 39 apud SOUZA, 2008, p. 19) “no corpo estão inscritos todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”. Então, é também por meio do corpo que essas meninas estudadas buscam o seu lugar social, uma vez que a escola não consegue fazer isso, pois com a gravidez, muitas das jovens deixam de frequentar as aulas.



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

Nesta perspectiva cultural, pode-se dizer que nossas identidades são construídas e modificadas durante toda a nossa vida. Elas são resultados de uma construção do coletivo e do individual dos sujeitos, e envolvem sempre uma reorganização dos significados produzidos socialmente, a partir dos quais nos relacionamos com nossos pares e conosco mesmos. Assim, as identidades não são homogêneas e são tecidas em meio às relações que estabelecemos. De um modo geral, as identidades expressam aquilo que somos, ou seja, representam os significados atribuídos pelos outros àquilo que somos.

A família é o primeiro grupo identitário a que o indivíduo pertence. À medida que este cresce, a família passa a dar espaço à sua inserção em outros grupos, os grupos de pares. E, na adolescência e juventude, o grupo de pares assume um espaço maior na vida dos jovens, pois passam a maior parte do seu tempo em companhia desses grupos, que começa com os amigos da escola. Nesta perspectiva, Castilho (2008, p. 231), assevera que identidade “é o processo de representação ao mesmo tempo pessoal e coletivo que permite ao sujeito se definir com relação a um ‘eu’ ou a um ‘nós’ diferenciando-se do outro ou dos outros”. Então, é por isso, “que sempre estamos incertos com relação à nossa identidade e precisamos da confirmação do outro”, afirma Castilho (2008, p. 231).

Diante disso, parece pertinente afirmar que hoje há uma crise de identidades. Para Hall (1999, p. 7) a “crise de identidades” “é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas”, abalando assim, os pontos de referência que davam certa estabilidade social aos indivíduos.

A construção de determinada identidade, pode se dar também a partir do viés corporal. O corpo, por exemplo, conforme corrobora Silva (2000, p. 15), “é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade sexual”. Assim, a maternidade também articula-se como determinante de uma identidade biológica, pois, é através do corpo e da maternidade, que as meninas buscam se auto-afirmar, passando de uma condição e/ou identidade de adolescentes e jovens, para um lugar de mulher-mãe-adulta no grupo em que vivem. Salva (2008) aponta que a maternidade é um lugar para ser mulher, não apenas de ter um corpo de mulher, mas um sentido, o de ser mãe, como uma condição que lhe confere uma identidade. Então, com o acontecimento da maternidade, as jovens assumem o papel do ser mãe, assumindo as responsabilidades que essa identidade lhes confere, encontrando e ocupando um outro espaço no mundo vivido.

Desta maneira, as identidades das meninas-mães, apresentam-se como frágeis, móveis, fluídas. Ainda adolescentes, tentam se auto-afirmar como tal, inicialmente, a partir da sexualidade, do corpo e da interação com outros jovens e com os grupos sociais com os quais se identificam (grupos de catadores, pobres, negros, não ou menos escolarizados, etc...), pois é por meio das interações com outras identidades e grupos, que os adolescentes e jovens renovam as suas, assumindo ou negando determinadas identidades. Assim sendo, o corpo e a sexualidade na adolescência tornam-se um dos modos de afirmação e de entrada no universo adulto.

Para Silva (2000), o processo de construção de identidades é também atravessado pelas diferenças de gênero, a partir da construção de determinadas posições de sujeito, masculinas e



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

femininas. Assim, a ideia de Andrade (2008, p. 5), corrobora com Silva quando aponta que, no processo de construção de identidades as verdades podem ser enunciadas também através dos silenciamentos sobre gênero, pois “o próprio silêncio se configura como uma prática discursiva. Ao dizerem de si e do outro, mesmo que pelo silêncio, os/as jovens vão sendo posicionados e, nestes posicionamentos, vão construindo suas identidades”.

### Conclusões

Após as considerações acima, parece pertinente concordar com Silva (2000, p. 18), quando este salienta que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade”. Reportando isso para a realidade das jovens-mães, pode-se afirmar que o meio social e cultural no qual elas estão imersas, é que molda e produz diferentes tipos de identidades, significando suas experiências de vida, pois são os diferentes significados que elas dão às coisas que produzem diferentes posições de sujeitos na cultura, estabelecendo a partir da representação, identidades individuais e coletivas.

Desse modo, podemos concluir que as identidades são construídas cultural e socialmente, nos discursos produzidos e que nos posicionam como sujeitos. Além disso, os processos de construção e produção de identidades estão sujeitos à historicização, como coloca Silva (2000), isto é, são móveis e frágeis, podendo-se alterar de acordo com o local e o período histórico no qual o sujeito-protagonista está inserido. Assim, as meninas-mães constituem-se como jovens, mães, mulheres, protagonistas da cultura do grupo social no qual estão inseridas.

Falar da gravidez na adolescência implica olhar este acontecimento de um modo particular: talvez não se trate nem de subversão nem de desejo. Talvez, se possa pensar em acaso, acidente, descuido, ingenuidade, pedido de socorro, submissão ao parceiro, idealização de um futuro melhor através do filho. Porém, a voz das meninas que engravidaram na adolescência, necessitam ser ouvidas, pois muitas falam do desejo de ter um filho/a, acreditando na maioria das vezes, que essa criança lhes dê o status de mãe e que, este pode levá-las a uma valorização social, além da promessa de uma relação afetiva duradoura.

### Referências

- CANCLINI, N. G. Diferentes, desiguais, desconectados: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007.
- CASTILHO, N. C. G. Identidade. IN: GONZÁLEZ, F. J. ; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). Dicionário Crítico de Educação Física. 2.<sup>a</sup> ed. Rev. Ijuí: ed. Unijuí, 2008.
- CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Revista da Faculdade de Educação, vol. 23, n. 12, São Paulo, Jan/Dez. 1997. Disponível em : <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em: 15 ago. 2010.
- GIL, A. C. Como Delinear um Estudo de Caso? In: \_\_\_\_\_ Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 12, p. 137 – 142.



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MEDEIROS, M. T. Conceito de Adolescência. IN: MEDEIROS, M. T.; SERPA, A. I. (Org.). Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento. Açores, Portugal: Centro de Apoio Tecnológico à Educação, 2000. P. 13-27.

SCHWENGBER, M. S. V. Pobres Meninas “Ricas” com a Gravidez. In: 32.<sup>a</sup> ANPED: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 4-7 out. 2009, Caxambu, MG. Anais... Caxambu, 2009.

SILVA, T. T. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, V. G. Meninas-adolescentes: rituais, corpo e resistência. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008. Coleção Cultura, Mídia e Escola.

SPOSITO, M. P. Juventude e escolarização (1980/1998). Brasília: MEC/INEP/Comped (Estado do Conhecimento, 7), 2002.

---

Projeto: Experiências Escolares de Meninas-mães da periferia de Ijuí-RS.